

“Será que atirei pedra na cruz?”: pobreza e identidades em tensão

“Just what God did I anger?”: poverty and identity tension

ALINE ACCORSSI*

HELENA BEATRIZ KOCHENBORGER SCARPARO**



RESUMO – Neste artigo procuramos refletir sobre alguns impactos do sistema capitalista neoliberal na produção subjetiva daqueles que carregam a marca de estar na condição de pobreza socioeconômica. Para desenvolver esta reflexão, tomamos um caso paradigmático, ou seja, a história de uma – e, ao mesmo tempo, de muitas – usuárias dos serviços de Assistência Social de uma região periférica de Porto Alegre/RS. Partimos das especificidades do cotidiano desta mulher e, através de suas atividades, de suas condições materiais no mundo e da expressão de seus sentimentos, estabelecemos um diálogo que extrapolou a perspectiva de uma história individual. Revelou, entre outros aspectos, a dor existencial decorrente da experiência de ocupar lugares de pobreza na sociedade contemporânea, o que pode acarretar a total perda de referências e o enfraquecimento gradual dos laços sociais com a sociedade e a família.

Palavras-chave – Pobreza. Neoliberalismo. Identidade social.

ABSTRACT – The present paper is an attempt to reflect on some of the impacts of the neoliberal capitalist system on the subjective production of the population under socioeconomic poverty. In order to achieve our goal, we take one paradigmatic case, that is the story of one woman -who represents many women- using the social services provided to the so-called *poor* living on the outskirts of Porto Alegre, Brazil. The departure point was the analysis of her daily life, and by investigating her activities, her material possessions, and the expression of her feelings we engaged in a dialog that went beyond the perspectives of an individual story. Among other aspects, it was disclosed the existential pain of having a poverty status in the contemporary society. Such situation might lead to a total loss of references and to a gradual weakening of social and family bonds.

Keywords – Poverty. Neoliberalism. Social identity.

* Doutora em Psicologia, professora e pesquisadora do Centro Universitário La Salle, Canoas – RS/Brasil. E-mail: alineaccorssi@gmail.com.

** Doutora em Psicologia, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre – RS/Brasil. E-mail: scarparo@pucrs.br.
Submetido em: setembro/2012. Aprovado em: dezembro/2012.

Este artigo aborda a história de uma mulher. Seu nome? Maria, Maria mãe, filha, mulher; Maria trabalhadora, embora desempregada; Maria consciente e, talvez por isso, deprimida; um tipo de Maria que tenta não ir com as outras.¹ Em seu relato, como veremos em seguida, há marcas de um tempo – passado-presente-futuro – em que a desigualdade e exclusão social se afirmaram como a lógica principal de um sistema socioeconômico falido, ao menos aos seus – e aos nossos também – olhos. As feridas e cicatrizes estão visivelmente em seu corpo, no seu psiquismo, naquilo tudo o que comunica e interage. Talvez por isso Maria tenha pensado tantas vezes que já não há mais sentido manter sua vida, ao menos não daquele jeito: uma vida que está aí porque está, ou seja, esquecida por quase todos.

Maria faz muitas perguntas, mas encontra poucas respostas. Ou melhor, ela tem as respostas, porém as justificativas não lhes são convincentes. Às vezes sofre calada; outras vezes quer gritar e grita, mas sua voz já não existe mais, está rouca, a gastou e ninguém a ouviu. Ela pede por ajuda, chora, procura por seus direitos, mas está cansada, exausta, para ser mais precisa. A quem se unir? Vale a pena lutar, se as lutas estão perdidas muito antes de começarem? Maria, assim como tantas outras e outros, sofre por se sentir insignificante no mundo. Sua vida não faz mais sentido e, por isso, já tentou terminar com ela e seu sofrimento algumas vezes.

Como compreender uma situação desta natureza? Os manuais de doenças mentais são claros e objetivos: se Maria apresentar os sintomas “x” mais “y”, o diagnóstico terá um nome: Maria será portadora de certo problema mental e precisará ser tratada. Uma internação clínico-psiquiátrica, meses com psicotrópicos e psicoterapia a ajudarão vencer seus problemas, ela se sentirá novamente feliz, readaptada ao mundo. Poderá voltar ao trabalho, terá de volta sua rede de amigos e familiares que outrora se afastaram por não aguentarem suas recorrentes reclamações. Maria estará pronta para ir com as outras!

A história de Maria até poderia ser assim, mas não é. E não por opção, por achar este caminho equivocado. Muito longe disto. Convidamos o(a) leitor(a), portanto, para olhar mais de perto a história desta protagonista, para ver quem é tal mulher – que também nos habita –, produto/produtora do meio em que vivemos. Contudo, já sabemos: ao analisar um sujeito, um grupo ou a própria sociedade, estamos, em qualquer um dos casos, analisando relações. Isto porque não há um ponto que possa ser isolado para então o analisarmos com uma lente específica. Há sim uma totalidade, “um conjunto de partes articulado, conectado, onde a relação entre as partes altera o sentido de cada parte e do todo” (PRATES, 2003, p. 87).

Este artigo, portanto, é desenvolvido através do diálogo com uma usuária – que representa muitas – dos programas de Assistência Social. A reflexão inicia a partir de um “sujeito concreto”, de suas atividades, de suas condições materiais no mundo, de suas representações e de seus sentimentos: “Tenho família, mas não tenho. Tenho uma casa, mas não tenho [...] O quê que eu tenho de meu? Só a vida, que é uma porcaria de vida”. Assim como Marx, questionamos que “sociedade é esta, em que se encontra a mais profunda solidão no seio de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um desejo implacável de matar a si mesmo [...]?” (MARX, 2006a, p. 28). E é com este questionamento de base que seguimos nossa reflexão sobre os sujeitos, sobre os grupos, sobre as sociedades que insistem em (re)produzir a miséria nas relações humanas.

Para fins de sistematização das informações, bem como de compreensão da realidade, elegemos a perspectiva do materialismo histórico de Marx (MARX; ENGELS, 2007; VIANA, 2007) para embasar a reflexão. Neste sentido, a teoria e a prática se complementam e tornam-se transversais a todos os aspectos enunciados no artigo, tais como: viver dói; ser humano, ser relação; o trabalho enquanto produção humana; consciência de classe; e, para finalizar, será que atirei pedra na cruz?

Viver dói

Encontro com nossa protagonista em um Centro de Referência de Assistência Social de Porto Alegre/RS. Não é um dia como qualquer outro. Hoje ela conseguiu juntar forças para cumprir um compromisso consigo: participar das atividades especiais em comemoração ao Natal, realizadas pelo Centro. Nem sempre ela ousa sair de casa e relacionar-se com os outros. Vejamos a razão.

Maria é uma mulher de 54 anos, aparência envelhecida, olhar triste. Logo que iniciamos a conversa ela me conta que é separada, não tem nenhuma renda, quebrou o pé no ano anterior, precisa pagar passagem e perdeu uma filha assassinada. Esta filha tinha cinco filhos e há dois anos é ela quem os cuida. Contudo, recentemente o seu genro a procurou para retirar a guarda das crianças e, não tendo mais tais crianças sob sua responsabilidade, agora está ameaçada de perder o recebimento do benefício, sua única fonte de renda. Está “sem eira nem beira”. E questiona: “[...] porque tudo o que eles têm pra dá é pra quem tem criança ou mais de 60, 65? Então na minha idade a pessoa não existe? Não tem nenhuma dificuldade?”.

Em sua história há muitas feridas incuráveis: “eu tinha uma vida mais ou menos, eu tinha meus dois empregos, eu tinha. Depois que mataram meu filho, depois que mataram meu irmão mais moço e meu afilhado que morava comigo e mais minha filha, aí eu entrei em depressão, tentei me matar duas vezes [...]”. Acabou perdendo os empregos e ainda foi acusada de tê-los “abandonado”, mas seu estado emocional a impedia de seguir adiante. Ao longo deste período, começou a tomar medicamento antidepressivo, mas “o médico me dá as receitas e elas ficam na gaveta, né?! Porque eu não tenho dinheiro”.

Atualmente, Maria mora em uma casa de dois quartos, que abriga sete pessoas (ela, duas filhas e quatro netas). Num dos quartos dorme uma das filhas com suas três filhas. No outro, ela com uma neta. E, na sala, o sofá vira cama para a sua outra filha. O espaço é pouco e o dinheiro menor ainda. Suas filhas trabalham, mas seus salários são muito baixos. De fato, a habitação de pobre, como já lembrava Marx (1993), se dá em troca de suor e sangue. Maria sabe que ali não é o seu lar, não aquele que gostaria de ter. Ela sabe também que corre riscos, seja pela falta de pagamento dos impostos, como falaremos mais tarde, seja pela sua situação frente a uma dinâmica de violência que já a levou muitas vidas. Ela está só neste emaranhado e reclama da atitude de seu ex-marido: “ele não ajuda nada, só vai lá pra me pisá, me humilha. Porque daí ele começa a dizer ‘eu ganho tanto’, que ele isso, que ele faz aquilo, tipo assim: ‘eu tô podendo e tu tá por baixo’.” Sim, nossa protagonista sente-se explorada material e simbolicamente e denuncia.

As lembranças do passado-presente são doloridas e, pior, elas se misturam, se repetem. Histórias vividas na sua infância se atualizam no presente, na vida das suas filhas e netas, marcando o futuro a ferro e fogo, na carne. Está desamparada, em um limite muito tênue entre querer viver e morrer. Nossa protagonista está sob os “efeitos da precariedade”, que leva o sujeito à autoexclusão ou autoalienação do mundo (FURTOS, 2009); ou então vivendo um “processo de desqualificação social”, que gradativamente leva o sujeito à depressão e ao isolamento (PAUGAM, 2003; 2009). A academia explica, a ciência diagnostica e busca palavras exatas para descrever fenômenos. Maria não sabe destes termos, mas conclui com palavras de quem sabe do que está falando: “ninguém é de ferro, ninguém é de lata. A gente tem coração, então, tem sentimento, e dói”.

Ser humano, ser relação

Neste mesmo sentido, Marx nos diz: “o homem, como ser sensível objetivo, é um ser sofredor, e, como sente seu sofrimento, um ser apaixonado. A paixão é o esforço das faculdades do homem para atingir seu objetivo” (1967, p. 160). Chama-se a isso de o princípio do movimento, ou seja, o impulso, a

vitalidade criadora, a energia própria ao sujeito em busca da autorrealização. Para ser mais específico, o ser humano é um ser natural e vivo, possuidor de poderes e forças nele existentes como tendências e habilidades, como impulso. Contudo, “como ser natural, dotado de corpo, sensível e objetivo, ele é um ser sofredor, condicionado e limitado” (MARX, 1967, p. 159). Os objetos de seus impulsos existem fora dele como objetos independentes, no entanto, são parte de suas necessidades. “O fato do ser humano ser dotado de corpo, vivo, real, sensível e objetivo, significa ter objetos reais e sensíveis como objetos de seu ser, ou só poder expressar seu ser em objetos reais e sensíveis”. Portanto, ser objetivo, natural, sensível e, simultaneamente, “ter objeto, natureza e sentidos fora de si mesmo, ou ser ele mesmo objeto, natureza ou sentidos para um terceiro é a mesma coisa” (MARX, 1967, p. 160).

Disso deriva que um ser não objetivo é um não ser. Um ser que não é objeto por si mesmo, nem tenha um objeto, é um ser solitário. “Desde que existam objetos fora de mim, logo que eu não esteja só, sou um outro, uma outra realidade com relação ao objeto exterior a mim. Para este terceiro objeto, portanto, sou uma outra realidade, que não ele, isto é, o objeto dele” (MARX, 1967, p. 160). Isso nos leva à condição de que, na mesma medida em que tenho um objeto, este objeto tem a mim como seu objeto, ou seja, as relações são constituintes do ser humano.

Dito em outras palavras: relação é o direcionamento intrínseco de um ser em direção a outro ser. Mas esse ser, essa realidade, continua “uma”, com a diferença de que há algo que o obriga a se ligar a outro, a incluir em si um outro, ou outros. “Para haver ‘relação’, não é necessário que haja duas coisas: basta apenas uma que contenha em si, em sua definição, a necessidade, a orientação intrínseca em direção a outro(s)” (GUARESCHI, 2005, p. 61).

E essa digressão teórica nos leva de volta a Maria. Maria mulher, filha, esposa, mãe, avó, assalariada, trabalhadora, desempregada, etc. Uma pessoa que contém em si mesma um conjunto de relações – um conjunto de coisas que necessitam de outras coisas para serem elas mesmas –, que a constitui “naturalmente”. E tudo que é natural tem de ter uma origem, ou seja, o ser humano já nasce absorto por uma história, por uma cultura constituinte.

O modo como os seres humanos produzem seus meios de vida dependem dos meios de vida já encontrados e que eles precisam reproduzir. O que eles (seres humanos) são, diz Marx, coincide com “sua produção, tanto com *o que* produzem, como com o modo *como* produzem” (p. 45). Produção aqui entendida como um processo que ultrapassa os meios materiais, ou seja, ela está associada tanto à formação econômica, quanto à formação social (MARX, 2007), conforme veremos a seguir.

O trabalho enquanto produção humana

Todo tipo de produção humana, em qualquer forma de sociedade, é trabalho. O ser humano, para sobreviver, precisa trabalhar, pois é através desta atividade que ele domina a natureza e a transforma em objetos, em instrumentos que possibilitam o seu processo de desenvolvimento e sobrevivência. No entanto, ao longo do processo de transformação de algo em um objeto, o ser humano, ser trabalhador, também se transforma, se desenvolve enquanto sujeito social, construindo, a partir das condições objetivas, a sua própria subjetividade (PRATES, 2009). O trabalho pressupõe relações sociais. E mais: pressupõe o uso daquilo que foi socialmente construído em outros tempos pelo próprio ser humano, ou seja, a história social é a história do trabalho humano.

Para Marx, o ser humano somente está vivo “na medida em que é produtivo, na medida em que abarca o mundo exterior no ato de manifestar seus próprios poderes humanos específicos e de abarcar o mundo com estes”. Contudo, se lhe é negada a possibilidade de ser produtivo, se ele apenas é um ser receptivo e passivo, “ele não é nada, ele está morto” (FROMM, 1967, p. 38). Maria sabe disso: “Tem horas que eu me sinto tão, tão... um nada, me sinto um nada. Eu tinha tudo e hoje eu não tenho nada. Eu

tô aqui porque me botaram. Já que me botaram aqui, aqui eu tenho que ficar. Mas eu não tenho serventia pra nada, eu não presto pra nada, eu sou uma inútil”.

O trabalho (e/ou a falta dele) “não cria apenas bens; ele também produz a si mesmo e o trabalhador como uma mercadoria, e, deveras, na mesma proporção em que produz bens” (MARX, 1967, p. 90). Todo trabalho humano tem um objetivo, uma finalidade, e pressupõe um planejamento. Contudo, a forma como o ser humano organiza-se para produzir o condiciona de tal modo que nem sempre se tem noção do que estamos produzindo. “Na produção social de seus meios de existência, os homens ingressam em relações definidas, indispensáveis e alheias a suas vontades, relações de produção correspondentes a uma determinada etapa do desenvolvimento de suas forças produtivas materiais” (MARX, 1967, p. 188). E a este processo de abstração é que chamamos de trabalho alienado, ou melhor, um dos níveis de alienação² descritos por Marx.

Maria também sabe disso e conta que uma de suas filhas é gari: “ela limpa a sujeira desse povo relaxado”. Seu salário³ não é o suficiente para manter as suas filhas (netas de Maria) e ainda ajudar com o sustento da casa. “Ela ganha quinhentos e poucos o bruto, mas sabe quanto que dá limpo? R\$ 274,00. O que que é isso? O que se faz com isso? Dói, não dói?”.

Dói também por outros motivos que ela vai categoricamente listando:

Com esse dinheiro, minha filha precisa comprá passagem (sua casa em relação ao trabalho da filha fica no outro extremo da cidade), e várias pra chega até lá. Eles não dão o Tri pra ela. Ela precisa comprá sapato fechado, porque é obrigado a usá isso pra varrê. Mas eles não dão isso pra ela. Ela fica o dia todo no sol, naquele bem forte, e tem alergia, fica cheia de bola no pescoço. Ela precisa mandá faze uma pomada pra passá, mas tu acha que dá pra isso?

A atividade vital ou o trabalho é para ela, e para tantas outras pessoas, apenas um meio para poder existir. O trabalho torna-se um sacrifício, uma mercadoria adjudicada a um terceiro. “Por isso, o produto da sua atividade tampouco é o objetivo da sua atividade” (MARX, 2006b, p. 36).

A precarização do trabalho é ainda maior:⁴ “nem é de carteira assinada, é uma cooperativa. Eu já disse pra ela sair de lá, mas vai pra onde?”. Além de ter que lutar pelos meios físicos de subsistência, o trabalhador deve também lutar para alcançar trabalho, isto é, “pela possibilidade e pelos meios de realizar a sua atividade” (MARX, 1993, p. 103). Isto se deve ao fato de que o “mercado de trabalho”, como o próprio nome diz, procura o sujeito trabalhador na mesma medida em que o precisa para produzir mercadorias. “Se a oferta excede por muito a procura, então parte dos trabalhadores cai na penúria ou na fome”. A existência do trabalhador está reduzida às mesmas condições de existência de qualquer outra mercadoria. Na verdade, “o trabalhador tornou-se uma mercadoria e terá muita sorte se puder encontrar um comprador” (p. 102). E assim, o trabalhador,⁵ que apenas tem o seu corpo, o submete a duras condições em busca de sua sobrevivência.

Maria não entende porque existe tanta disparidade entre as pessoas, tornando algumas privilegiadas e outras não. Ela diz: “eu não sou filha de Deus ou eu atirei pedra na cruz?”. Seu questionamento remete ao fato de que ainda hoje, e em quase todo o lugar, milhares de famílias vivem em “condições econômicas de existência que as separam pelo seu modo de viver, pelos seus interesses e pela sua cultura das outras classes e as opõem a estas de um modo hostil” (MARX, 2008, p. 325), constituindo, assim, uma sociedade de classes. Mesmo que Maria tenha feito tais questionamentos de modo metafórico, é importante observar que a procura pelas respostas de suas dificuldades está em si mesma e não nas suas relações com o contexto, com o mundo em que está inserida. Haveria um sentimento de culpa (responsabilidade individual) por não conseguir superar suas dificuldades? Além disso, Maria se cobra por não ter como prover a sua família: “O amor não enche a barriga. Eu tenho que tê coisa pra dá. [...] Agora, eu com essa idade, onde vou consegui trabalhá?”.

O dinheiro na sociedade capitalista media o que pode ser pago, o que pode ser comprado. Isso, em outras palavras, significa que o sujeito é do tamanho do poder do dinheiro que possui. E Maria tem total consciência disso: “tudo é na base do dinheiro: tu quer dá comida, uma caixa de leite, dinheiro! Tu quer dá uma roupa, dinheiro! É tudo, tudo dinheiro!”. Marx, neste sentido, questiona: se o dinheiro é o laço que prende o sujeito à vida humana, e a sociedade a ele, ligando-o, portanto, à natureza e ao homem, não é ele (o dinheiro) o laço de todos os laços? “Não é ele também, portanto, o agente universal de separação?” (MARX, 1967, p. 147). Maria, em um sentido semelhante,⁶ nos diz: “[...] mas hoje qualquer coisa tão com uma arma na mão. Não se resolve mais nada com uma conversa, com diálogo, nem na mão. É na bala mesmo. São tudo assim, parece revoltado com o mundo”. O dinheiro, portanto, é o meio e o poder externo e universal que consegue transformar a representação em realidade e a realidade em mera representação.

Consciência de classe⁷

Nossa protagonista tem consciência do papel social que ela ocupa na sociedade e questiona: “por que o pobre não tem direito de sobreviver? De ter o mínimo com dignidade. Por que o pobre é o que mais trabalha e menos ganha?”. No sistema de produção capitalista, isto faz parte do jogo. Marx nos lembra que, mesmo se todos os rendimentos de todas as classes da sociedade aumentassem, a disparidade de rendimentos se manteria, ou mesmo aumentaria, acentuando o contraste entre a pobreza e a riqueza. Conforme toda a produção aumenta, aumentam também, e de igual modo, as necessidades, os desejos e as carências, “tornando-se possível que a pobreza relativa se desenvolva enquanto a pobreza absoluta diminui” (MARX, 1993, p. 111). Neste sentido, ela (Maria) tem grande sensibilidade ao interrogar: “o quê que adianta a gente ter e não poder aproveitar?”.

O lugar ocupado por Maria nas relações sociais lhe possibilita ver o mundo objetivo com maior discernimento em relação às injustiças sociais:

Agora pra variá eu tenho que pagar o IPTU. Imagina eu pagar o IPTU, que nem tenho casa própria. É um absurdo pagar 60,00 de IPTU. Podia comprá meus remédios, podia comprá uma caixa de leite pros meus netos [...] não, tenho que pagar o IPTU pro governo. É o fim da picada. Quem tem que pagar isso é quem tem condições, não eu. Tem que tirar de quem tem, não de quem não tem [...] eu sou miserável.

A este respeito, Marx (1967, p. 188) diz: “não é a consciência dos homens que determina sua existência, porém, pelo contrário, é a sua existência social que lhes determina a consciência”. É a partir da sua inserção social e da materialidade da sua vida (neste caso, do seu sofrimento) que o sujeito desenvolve a consciência do papel que ocupa na sociedade. Paulo Freire (1987, p. 31) também pontua este aspecto ao dizer: “quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora?”.

À guisa de conclusões: será que atirei pedra na cruz?

Ao longo da obra marxista o capitalismo é compreendido enquanto um processo (e por ser processo é dinâmico), ou melhor, enquanto uma relação social que fomenta, por sua vez, um tipo de produção e de divisão do trabalho. A prioridade do capital é o desenvolvimento das forças produtivas e, para isto, ele subordina a vida social ao sistema produtivo. A matriz de tal sistema está na separação dos

trabalhadores dos instrumentos e meios de produção. A esses, trabalhadores ou proletariados, resta apenas o corpo e a força de trabalho que, para sobreviver, vira mercadoria. As relações sociais, portanto, reduzem-se a relações mercantis, “generalizando o ‘frio interesse’ e volatizando-se todas as formas tradicionais de permanência e coesão social” (FONTES, 1998, p. 164).

O ser humano, nesta lógica, é simplesmente um trabalhador, e como tal “suas qualidades humanas só existem em proveito do capital que lhe é estranho”. Contudo, trabalho e capital estão relacionados de maneira externa, acidental, ou seja, quando ocorre ao capital não existir mais ao trabalhador, este não mais existe para si mesmo: “ele não tem trabalho, nem salários, e, como existe exclusivamente como trabalhador e não como ser humano, pode perfeitamente deixar-se enterrar, morrer à míngua, etc.” (MARX, 1967, p. 103), o que se confirma no relato de Maria:

Eu tentei morrer duas vezes e não consegui. Agora eu acho que devo ficar pelos netos, pela mãezinha deles. Mas o que eu tenho pra oferecê pra eles? Eu não tenho emprego, eu não tenho carteira assinada, eu não tenho salário, eu não tenho nem casa própria, porque a casa que eu moro é do DEMHAB [órgão responsável pela gestão da Política Habitacional de Interesse Social do Município de Porto Alegre]. O que que eu vou oferecer pra eles?

“Vê-se que, na ausência de algo melhor, o suicídio é o último recurso contra os males da vida privada” (MARX, 1967, p. 103).

Dentro do sistema da propriedade privada, a pobreza se revela de diversas formas. A partir de suas experiências, Maria faz uma diferenciação entre miserável e pobre, vejamos: “miserável é aquele que não tem de onde tirar. E o pobre tem. O miserável é aquele que um dia tem outro não tem. Depende de alguém sempre pra ter. O pobre é aquele que trabalha e tem o ganha-pão. Ganha pouco, mas tá garantido [...]”. Nossa protagonista define a pobreza e/ou miséria socioeconômica que atinge diretamente o corpo; mas há ainda a produção da miséria do desejo, que também está associada ao processo de produção capitalista. Conforme Marx (1967), o ser humano “especula sobre a criação de uma nova necessidade no outro a fim de obrigá-lo a um novo sacrifício, colocá-lo sob nova dependência, e induzi-lo a um novo tipo de prazer e, em consequência, à ruína econômica” (p. 127). As necessidades mercantis jamais cessarão, pois um novo desejo a cada instante é e será criado, alimentando o empobrecimento do espírito humano.

Marx se contrapôs à lógica mercantil que funda as relações sociais. A riqueza das necessidades humanas, segundo ele, requer um novo modelo de produção, bem como um novo objeto. Buscou a emancipação espiritual do homem, ou seja, a “sua libertação dos grilhões do determinismo econômico, sua reintegração como ser humano, sua aptidão para encontrar unidade e harmonia com seus semelhantes e com a natureza” (FROMM, 1967, p. 15).

Somente com uma reforma de nosso sistema geral, conforme Marx (2006a), pode-se esperar por fontes de recurso e uma verdadeira riqueza no desenvolvimento humano. No papel proclamam-se constituições, dá-se direito, a qualquer cidadão, à educação, ao trabalho e a um mínimo de subsistência, “Mas, com isso, não se fez tudo; ao se escreverem esses desejos generosos sobre o papel, persiste a verdadeira tarefa de fazer frutificar essas ideias liberais por meio de instituições materiais e inteligentes, por meio de instituições sociais” (MARX, 2006a, p. 50).

E como seria isso na prática? Maria nos diz: “Eu sou pobre e preciso de ajuda e aí vai começar em mim a mudança. Pra me ajudar, tu primeiramente me daria um sacolão pra eu pode me alimentar e pra eu ter força de conseguir um serviço”, pois, como bem lembra Marx (1993), antes de tudo o ser humano precisa satisfazer suas necessidades animais, como comer. Ela prossegue,

conseguir um serviço pra minha idade, alguma coisa que eu possa trabalhar [...] que não fosse assim muito pesado, muito brusco pra mim, pra minha idade. [...] Mas um salário digno, que não seja uma migalha. [...] Eu queria ter uma casinha decente, que tá na casinha é um lazer, né? É onde se vai e volta do serviço e ali onde a gente vive. Então é ter umas coisinhas decente, né? Ter um quartinho decente pra tu descansar no dia a dia, ter uma sala pra receber uma visita, ou sentar com a tua família e ver televisão ou ouvir uma música, mas ter uma coisa decente pra sentar.

O desejo desenhado por Maria é a tradução de uma promessa do capitalismo. Uma casinha, um trabalho, lugar e momentos de descanso necessários para recuperar forças e voltar a vender sua força de trabalho no dia seguinte. Ser pobre, não miserável. Este desejo não se concretizou, nem se delineou como projeto. No espaço da “casinha” o lugar da exclusão. Na perspectiva da pobreza, a concretude da miséria. Em resumo, talvez pudéssemos dizer que Maria quer ter o direito de não morrer cotidianamente ou, em outras palavras, quer ter o direito a uma vida digna de ser vivida e, assim como ela, milhares de outras Marias.

Referências

- FONTES, V. O Manifesto Comunista e o pensamento histórico. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (Org.). *O Manifesto Comunista 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FROMM, E. *Conceito marxista do homem*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- FURTOS, J. *De la précarité à l'auto-exclusion*. Paris: Presses de l'École Normale Supérieure, 2009.
- GUARESCHI, P. *Psicologia social crítica como prática de libertação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.
- MARX, K. Manuscritos econômicos e filosóficos. In: FROMM, E. *Conceito marxista do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- _____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- _____. O 18 Brumário de Luis Bonaparte. In: MARX, K. *A Revolução antes da revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2008. v. 1.
- _____. *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006a.
- _____. *Trabalho assalariado e capital & salário, preço e lucro*. São Paulo: Expressão Popular, 2006b.
- _____; ENGELS, F. *A ideologia alemã e teses de Feuerbach*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- PAUGAM, S. *Desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza*. São Paulo: Educ/Cortez, 2003.
- _____. *Le lien social*. Paris: PUF, 2009.
- PRATES, J. C. *Possibilidades de mediação entre a teoria marxiana e o trabalho do assistente social*. 2003. 251 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, PUCRS. Porto Alegre, 2003.
- _____. As categorias utilizadas por Marx. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, PUCRS, 2009. (Material didático:)
- VIANA, N. *Escritos metodológicos de Marx*. Goiânia: Alternativa, 2007.

¹ A expressão popular “maria vai com as outras” costuma ser empregada para indicar pessoas sem convicção do que fazem, com pouca vontade própria ou, até mesmo, sem coragem para defender suas opiniões, seus posicionamentos. Deixam-se levar facilmente pelos outros.

² Há vários níveis de alienação, a saber: no primeiro, o trabalhador não tem acesso ao que ele produziu; no segundo, o trabalhador não decide nada sobre o que vai produzir, nem como produzir; no terceiro, o trabalhador se aliena em relação a si próprio, na medida em que não se reconhece naquilo que faz e, além disso, o trabalho torna-se um sofrimento, um fardo; e, no quarto nível, o trabalhador se aliena em relação aos demais produtores, ou seja, a competição toma o lugar da cooperação.

³ Salário, conforme Marx (2006b, p. 35), “é apenas um nome especial dado ao preço da força de trabalho [...]; é apenas o nome dado ao preço dessa mercadoria particular que só existe na carne e no sangue do homem”.

⁴ O tipo de cooperativa do qual Maria fala não retrata o funcionamento das verdadeiras cooperativas, em que a autogestão e a solidariedade entre os trabalhadores são valores almejados.

⁵ É este trabalhador, o que vive da sua força de trabalho puro e simplesmente, que Marx chamará de Proletário.

⁶ Tomamos como algo semelhante pois, no relato de Maria, fica claro que esta violência está relacionada ao comércio de drogas, que envolve poder e dinheiro.

⁷ Marx faz uma distinção entre a situação objetiva de uma classe e a consciência subjetiva dessa situação, isto é, entre a condição de classe e a consciência de classe.